

Mercados de trabalho nas aglomerações urbanas não metropolitanas do RS*

Guilherme G. de F. Xavier Sobrinho**

Sociólogo da FEE

Sheila Sara Wagner Sternberg***

Engenheira Química da FEE

Resumo

Este estudo, de caráter exploratório e preliminar, procura investigar a configuração dos mercados de trabalho nas três aglomerações urbanas institucionalizadas não metropolitanas do Rio Grande do Sul, quais sejam, a Aglomeração Urbana do Sul (Ausul), a Aglomeração Urbana do Nordeste (Aune) e a Aglomeração Urbana do Litoral Norte (Aulinort). A análise, ainda que sintética, traz dados importantes sobre o perfil socioeconômico desses territórios, permitindo apontar aspectos convergentes e discrepantes entre os três aglomerados urbanos, o que poderá contribuir para avaliar tanto o valor heurístico de tal categoria quanto a pertinência de sua chancela pelo poder público, que exerce uma oficialização seletiva de tal estatuto.

Palavras-chave: aglomerações urbanas; mercados regionais de trabalho; emprego formal.

Abstract

This paper presents an exploratory and preliminary study about the labor markets configuration in the institutionalized urban agglomerations of the State of Rio Grande do Sul, except the Greater Porto Alegre Metropolitan Area (RMPA): the Northeastern Urban Agglomeration (AUNE), the Southern Urban Agglomeration (AUSUL) and the North Coast Agglomeration (AULINORT). The analysis, despite being preliminary and very synthetic, it brings interesting data about the social-economic profile in these areas, showing some convergent and some different aspects between the three urban agglomerates, that can help to evaluate the heuristic meaning of the agglomerate category and the importance of its legitimization by the government.

*Artigo recebido em 26 jan. 2010.

**E-mail: sobrinho@fee.tche.br

***E-mail: sheila@fee.tche.br

Key words: *urban agglomerations; regional labor markets; formal employment.*

Os estudos urbanos têm sido pródigos em evidenciar a pluralidade de configurações que as cidades assumem contemporaneamente e reforçam, sempre mais, a perspectiva de redes urbanas, com suas hierarquias e sua diversificação (Alonso, 2010). Em um caminho paralelo, a pesquisa sobre mercados de trabalho abre progressivamente o raio de seu interesse para contextos territoriais outros além das metrópoles, que se constituíram historicamente em terreno quase exclusivo de observação (Xavier Sobrinho, 2008).

O presente artigo inscreve-se no encontro dessas duas vertentes, propondo-se a investigar, de forma assumidamente exploratória e incipiente, a configuração dos mercados de trabalho de três aglomerações urbanas não metropolitanas no Estado do Rio Grande do Sul.

Restringe-se a análise às três configurações territoriais que, ao lado da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), compõem o conjunto de quatro aglomerações urbanas institucionalizadas no Estado. Trata-se da Aglomeração Urbana do Sul (Ausul), oficializada em dezembro de 1990 (Lei Complementar nº 9.184); da Aglomeração Urbana do Nordeste (Aune), criada em dezembro de 1994 (Lei Complementar nº 10.335); e da Aglomeração Urbana do Litoral Norte (Aulinort), que data de maio de 2004 (Lei Complementar nº 12.100).

O debate nacional sobre o chamado “fenômeno aglomerativo” é revisitado em Alonso (2010), e essa problemática não será desenvolvida neste texto. É importante explicitar, no entanto, que o exercício aqui empreendido tem o intuito de subsidiar uma discussão mais detida sobre a propriedade com que são definidas analiticamente, delimitadas operacionalmente e hierarquizadas tais configurações. As características convergentes e as discrepâncias identificadas no tratamento comparado das três aglomerações urbanas podem contribuir para que se avalie tanto o valor heurístico de uma tal categoria — no bojo do debate sobre “novas territorialidades” — quanto à pertinência de sua chancela pelo poder público, que exerce uma oficialização seletiva de tal estatuto.

Com essas preocupações em caráter subjacente, o texto limita-se a uma caracterização dos três aglomerados a partir de indicadores referentes aos seus mercados de trabalho. Essa dimensão da realidade

regional, digna por si mesma de grande interesse analítico, demonstra-se bastante sintética e eloquente para uma abordagem exploratória do perfil socioeconômico desses territórios.

Na próxima seção, faz-se uma breve apresentação das três aglomerações, destacando sua composição e alguns aspectos demográficos. A seguir, abordam-se indicadores do **Censo Demográfico 2000** relativos à ocupação da força de trabalho, enfatizando as taxas de desemprego, a distribuição dos trabalhadores conforme a posição na ocupação, os níveis de formalização dos vínculos empregatícios, entre outros.

Por fim, analisam-se dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego, que, mesmo perdendo alcance por se restringirem ao emprego formal, dão visibilidade ao “core” de um mercado de trabalho, abrindo a possibilidade de um detalhamento muito valioso de sua estrutura.

1 Algumas características gerais das aglomerações

Os três aglomerados selecionados diferenciam-se entre si sob os mais diversos pontos de vista. Partindo-se dos indicadores mais tradicionalmente associados à problemática urbana (Tabela 1) — fundamento da institucionalização desses recortes territoriais —, observa-se que há um nítido “escalonamento” entre as três regiões: a Aulinort, como agregado, assemelha-se bastante às médias estaduais, sendo menos reconhecível sua condição de espaço funcionalmente especializado; no extremo oposto, a Aune apresenta resultados que a aproximam de uma condição “quase metropolitana”; a Ausul encontra-se, de modo geral, em uma posição “a meio caminho” entre as duas outras aglomerações.

Senão, vejamos: enquanto a densidade demográfica média do Rio Grande do Sul situava-se, no ano 2000, em 36,16 hab./km², o aglomerado litorâneo atingia um patamar claramente superior (45,13), mas ínfimo se confrontado com os 166,21 registrados na região serrana. Já a densidade observada no conjunto de cidades do Sul (87,09) posiciona-o no ponto intermediário do que

apareceria como uma progressão geométrica entre as três aglomerações.

Os totais populacionais mostram a Ausul mais próxima à Aune (557 mil e 606 mil habitantes respectivamente, em 2000); já a Aulinort não escapa à condição de retaguarda, com um contingente inferior à metade (232 mil).

Por outro lado, a dispersão é menor quando se tomam as taxas de urbanização propriamente ditas (e, nesse caso, há uma inversão de posição entre os aglomerados): o do Sul ostenta os percentuais mais elevados, retirando a liderança da Aune. Essas duas regiões superam o nível de urbanização do Estado em seu conjunto, o que já não acontece com a Aulinort. Tomando-se essa questão pelas variáveis relacionadas ao mercado de trabalho, constata-se que, dentre os indivíduos economicamente ativos, a concentração no espaço urbano atinge 92% na Ausul e 86,4% no Nordeste. Esses percentuais são significativamente superiores aos 79,9% verificados no agregado do Rio Grande do Sul e, mais ainda, à taxa de 77,6% registrada no Litoral Norte. O mesmo ordenamento entre as regiões verifica-se quando se tomam a população em idade ativa (PIA) e o contingente de trabalhadores ocupados conforme a situação do domicílio.

Essas primeiras diferenças observadas já recomendam uma atenção à composição interna das aglomerações em análise. A “fisionomia” da Ausul, tratada como agregado, espelha quase exclusivamente as duas grandes municipalidades que abriga, as quais, juntas, detinham mais de 90% da população total desse recorte regional, ofuscando as duas pequenas cidades que completam a aglomeração — São José do Norte e Capão do Leão¹. Essas, em 2000, não atingiam sequer 24 mil habitantes cada uma, enquanto Pelotas, com 323 mil, concentrava 58% da população total da região. Rio Grande, por sua vez, segundo maior município da Ausul, ostentava consideráveis 33,5% de participação regional. Cabe assinalar que, além de pouco representativos no conjunto da região, os dois municípios pequenos têm PEA predominantemente urbana (68,9% em São José do Norte e 89,2% em Capão do Leão).

O conjunto de municípios do Nordeste, em contraste, já é bem mais numeroso (dez unidades no último Censo), e com a presença de uma “capital” indiscutível — Caxias do Sul com 59,5% dos habitantes da Aune, o maior percentual atingido por um município nos três

aglomerados aqui considerados — não neutraliza de modo tão radical, no agregado, as características das localidades menores, as quais marcam diferenças dignas de nota. Exemplificando-se: sete desses dez municípios serranos tinham PEAs com menor grau de urbanização do que o conjunto do Estado, identificando-se, inclusive, três casos de acentuada predominância rural: em Monte Belo do Sul, Nova Pádua e Santa Tereza, ao menos 70% dos indivíduos economicamente ativos localizavam-se fora dos perímetros urbanos. Se o peso dessas municipalidades é quase desprezível — juntas não ultrapassavam 1,5% de participação na população regional, em 2000 —, o interesse qualitativo de sua inserção em uma aglomeração urbana não deve ser subestimado. Se, na Ausul, a menor taxa de urbanização da PEA estava próxima a 70%, aqui (e também na Aulinort, como já se terá oportunidade de assinalar) os critérios de “ingresso” na região institucionalizada determinaram uma composição diferente.

Ainda quanto à concentração da população da Aune em Caxias do Sul — o maior município não metropolitano do Estado, com 360 mil habitantes —, vale observar que, neste caso, a segunda maior cidade se encontra bem mais distante, em porte (tendo-se como parâmetro a condição de Rio Grande, na Ausul): Bento Gonçalves abriga pouco mais de 15% da população do aglomerado (91 mil pessoas). Farroupilha, na terceira posição, merece também registro, respondendo por 9,1% do contingente regional: 55 mil habitantes. No que diz respeito aos menores municípios, somam-se aos três acima citados, de clara feição rural, outros quatro, que detêm entre 19 e 28 mil habitantes cada um.

A terceira das aglomerações analisadas, a Aulinort, traz um número bem maior de municípios integrantes: se, dos quatro da Ausul, havia-se saltado para dez, na Aune, chega-se, desta vez, a 19 — sempre considerando-se as unidades existentes no Censo de 2000. O contraste mais evidente desta região com as outras duas é a ausência de uma nucleação inequívoca: em uma primeira abordagem, meramente demográfica, identificam-se, como os maiores, quatro municípios de portes muito semelhantes, detendo, cada qual, não mais do que 16% da população total da Aulinort — participação drasticamente inferior à obtida pelas “capitais” das outras aglomerações, Pelotas e Caxias do Sul. Aqui, Osório lidera, com 15,6%, garantidos pelo modesto contingente de 36,1 mil pessoas. Seguem-se Tramandaí, Torres e Capão da Canoa, com pouco mais de 30 mil habitantes, cada um, e parcelas próximas a 13% da população da aglomeração. Oito dos 19 municípios da região têm parte predominante de sua PEA residindo em zona rural, sendo

¹ Consideram-se, neste momento, os municípios tal como constaram dos resultados do Censo 2000, no qual Arroio do Padre, na Ausul, e Itati, na Aulinort, não foram tabulados separadamente.

que, nos casos extremos — Mampituba, Três Forquilhas e Caraá —, esse percentual ultrapassa 90%. A maior parte dos municípios integrantes da Aulinort (12 dos 19) ostentava, em 2000, população inferior a 10 mil habitantes; em cinco desses casos, o contingente não atingia 5 mil pessoas.

A variação populacional dessas três aglomerações tende a se mostrar superior à do agregado do Estado — seja entre os Censos de 1991 e 2000, seja entre este último e o dado estimado pela FEE para 2008² —, mas com acentuada heterogeneidade em suas taxas. No intervalo intercensitário, a dispersão é especialmente elevada: entre 1991 e 2000, enquanto o Rio Grande do Sul teve crescimento demográfico de 11,5%, o conjunto dos municípios da Aulinort registra um salto espetacular de 37,8%; na Aune, a variação é menor, mas, ainda assim, atinge 23% — exatamente o dobro da taxa estadual; a Ausul, por fim, tem o resultado menos expressivo — um pouco inferior, inclusive, ao do agregado gaúcho: 10,5%.

Entre 2000 e 2008, o ordenamento se repete, com distâncias abrandadas entre os resultados; ademais, dessa vez, o Sul ultrapassa, por pouco, o crescimento populacional gaúcho. As taxas são, agora, de 16,7% no Litoral; 10,8%, no Nordeste; 6,4%, no Sul; 5,3% no Estado em seu conjunto.

A própria noção de um “fenômeno aglomerativo” evoca, primariamente, concentração, e o elemento demográfico tem, nesse sentido, um papel fundamental.

Por certo, a força de atração sobre o entorno e a expansão endógena que os aglomerados urbanos ostentam obedecem a condicionantes os mais variados, cuja evolução, no tempo, não tem nada de linear. Essas discrepâncias no comportamento demográfico recente das três regiões aqui consideradas já sugerem que elas se encontram em pontos distintos de ciclos históricos e socioeconômicos também bastante diferenciados. Neste artigo, não se tem a pretensão de abordar substantivamente esses processos. A análise preliminar de indicadores referentes ao mercado de trabalho, ainda assim, contribui para um esforço nesse sentido.

² O procedimento de agregação dos dados é aproximativo, tendo em vista alterações de limites de alguns municípios, entre os três pontos considerados no tempo, em função de emancipações. Rastreando-se todas as que ocorreram desde o início da década de 1990, constata-se que, como regra geral, elas não alteraram os perímetros das aglomerações (ou seja, se dão no interior deles). Nesse período, apenas três municípios, no Estado, receberam, em sua criação, parcela de território de alguma das três aglomerações sem passar a fazer parte delas: Boa Vista do Sul e Coronel Pilar (emancipados em 1995 e 1996 respectivamente) tomaram porções de Garibaldi, da Aune (e incorporaram, também, áreas de outros municípios limítrofes, externos à aglomeração); Turuçu (criado em 1995) apropriou-se de uma fração do território de Pelotas, da Ausul (além de um pedaço de São Lourenço do Sul, que não integra a aglomeração). Um caso, apenas, configura a situação oposta — aquela em que um município recentemente instituído passa a integrar a aglomeração, trazendo consigo uma porção de território que, anteriormente, não pertencia a esse conjunto: Santa Tereza é criado em 1992, combinando parcelas de Bento Gonçalves e de Garibaldi (da Aune) a uma fração do território de Roca Sales (que não faz parte da aglomeração). Desses quatro municípios citados, o que tem maior população é Turuçu, com 3.890 habitantes estimados para 2008, bem menos de 1% do contingente da Ausul. Assim, é desprezível a distorção que pode decorrer do tratamento agregado da população dos municípios das aglomerações urbanas.

Tabela 1

Indicadores selecionados para os aglomerados urbanos não metropolitanos e seus municípios e para o total do RS — 2000

DISCRIMINAÇÃO	POPULAÇÃO	TAXA DE PARTICIPAÇÃO		
		Urbana	Rural	Total
Arroio do Sal	5 273	57,9	78,1	58,8
Balneário Pinhal	7 452	51,5	49,2	51,4
Capão da Canoa	30 498	59,6	51,5	59,6
Capivari do Sul	3 107	62,7	50,3	60,0
Caraá	6 403	70,5	65,6	66,0
Cidreira	8 882	54,4	56,8	54,5
Dom Pedro de Alcântara	2 636	70,8	77,9	76,1
Imbé	12 242	55,1	60,7	55,2
Mampituba	3 106	57,2	78,1	76,8
Maquiné	7 304	59,5	63,0	62,1
Morrinhos do Sul	3 533	71,8	76,7	75,7
Osório	36 131	61,3	58,8	61,0
Palmares do Sul	10 854	55,5	52,6	55,0
Terra de Areia	11 453	55,5	55,5	55,5
Torres	30 880	59,4	61,2	59,6
Tramandaí	31 040	56,1	51,4	55,9
Três Cachoeiras	9 523	63,4	68,6	66,0
Três Forquilhas	3 239	56,0	66,3	65,5
Xangri-lá	8 197	63,1	59,6	62,9
Total da Aulinort	231 753	58,5	63,9	59,6
Bento Gonçalves	91 486	66,7	65,6	66,6
Carlos Barbosa	20 519	69,2	72,5	70,1
Caxias do Sul	360 419	64,6	64,1	64,5
Farroupilha	55 308	69,4	71,1	69,8
Flores da Cunha	23 678	71,0	77,6	73,6
Garibaldi	28 337	68,4	77,1	70,1
Monte Belo do Sul	2 880	75,5	76,4	76,2
Nova Pádua	2 396	73,7	83,5	81,3
Santa Tereza	1 768	57,0	64,4	62,1
São Marcos	18 958	64,5	67,1	64,9
Total da Aune	605 749	65,8	69,6	66,3
Capão do Leão	23 718	54,4	57,8	54,7
Pelotas	323 158	55,3	68,5	56,2
Rio Grande	186 544	52,4	48,1	52,2
São José do Norte	23 796	52,6	59,5	54,5
Total da Ausul	557 216	54,2	62,4	54,8
TOTAL DO RS	10 187 798	59,9	66,5	61,2

(continua)

Tabela 1

Indicadores selecionados para os aglomerados urbanos não metropolitanos e seus municípios e para o total do RS — 2000

DISCRIMINAÇÃO	TAXA DE DESEMPREGO			TAXA DE “URBANIZAÇÃO”		
	Urbana	Rural	Total	PIA	PEA	Ocupados
Arroio do Sal	12,3	2,6	11,7	95,5	94,0	93,4
Balneário Pinhal	14,4	15,1	14,4	95,9	96,1	96,1
Capão da Canoa	16,4	8,8	16,4	99,5	99,5	99,5
Capivari do Sul	10,7	3,6	9,4	78,3	81,8	80,6
Caraá	4,9	3,3	3,4	7,5	8,0	7,9
Cidreira	16,9	8,9	16,5	95,6	95,4	95,0
Dom Pedro de Alcântara	3,3	5,9	5,3	26,2	24,4	24,9
Imbé	12,8	17,7	12,9	97,6	97,3	97,5
Mampituba	12,1	2,7	3,1	6,2	4,6	4,2
Maquiné	8,1	6,3	6,8	26,7	25,5	25,2
Morrinhos do Sul	7,1	3,5	4,1	19,5	18,5	17,9
Osório	15,7	10,4	14,9	84,9	85,4	84,6
Palmares do Sul	18,2	10,9	17,1	84,1	84,8	83,7
Terra de Areia	9,6	8,4	8,9	44,6	44,6	44,2
Torres	13,4	7,4	12,7	89,2	88,9	88,2
Tramandaí	16,4	14,0	16,3	95,6	95,9	95,8
Três Cachoeiras	10,3	6,3	8,2	49,5	47,5	46,4
Três Forquilhas	0,0	2,8	2,6	8,0	6,9	7,0
Xangri-lá	18,8	8,1	18,2	93,6	93,9	93,2
Total da Aulinort	14,9	6,3	13,0	79,1	77,6	75,9
Bento Gonçalves	10,9	3,1	10,1	89,1	89,3	88,5
Carlos Barbosa	6,7	2,4	5,5	73,8	72,9	72,0
Caxias do Sul	11,9	6,8	11,5	92,6	92,6	92,3
Farroupilha	10,9	4,5	9,4	76,7	76,2	74,9
Flores da Cunha	5,6	1,9	4,0	60,3	58,1	57,2
Garibaldi	9,8	0,9	8,0	81,1	79,2	77,7
Monte Belo do Sul	6,0	2,3	3,1	21,8	21,6	20,9
Nova Pádua	4,7	1,2	1,9	22,1	20,1	19,5
Santa Tereza	0,0	0,7	0,5	31,4	28,8	29,0
São Marcos	10,2	2,7	8,9	82,9	82,4	81,2
Total da Aune	11,1	4,0	10,1	87,0	86,4	85,4
Capão do Leão	21,3	5,9	19,6	89,8	89,2	87,4
Pelotas	18,4	5,1	17,3	93,1	91,6	90,3
Rio Grande	19,4	10,5	19,1	96,0	96,3	95,9
São José do Norte	19,6	1,6	14,0	71,5	68,9	64,4
Total da Ausul	18,9	5,4	17,8	93,0	92,0	90,8
TOTAL DO RS	14,3	3,8	12,2	81,6	79,9	78,0

FONTE: IBGE. Censo Demográfico 2000. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: dez. 2009.

2 Os mercados de trabalho das aglomerações

Resultados municipais do Censo 2000 referentes à ocupação da força de trabalho são aqui agrupados em conformidade com a composição oficial das aglomerações urbanas estudadas, para que se possam delinear as características principais do que seriam os mercados de trabalho dessas regiões. Por certo, uma abordagem mais consequente e ambiciosa sobre essa temática demandaria que se tomasse como elemento a ser investigado a abrangência espacial da efetiva circulação da mão de obra e da atuação das instituições que dão corpo aos mercados de trabalho, permitindo, assim, avaliar criticamente a pertinência dos recortes territoriais que serviram de base à institucionalização de cada uma das aglomerações urbanas (AU).

Isso não invalida o exercício viável neste momento da pesquisa, que é o de tomar as delimitações já consagradas em atos do poder público e, com base nelas, recorrer a dados secundários para tentar extrair um perfil preliminar e tentativo dessas realidades regionais, a partir de uma de suas múltiplas dimensões — neste caso, o trabalho —, seguramente aspecto bastante expressivo de uma dinâmica territorial. Mesmo que esse procedimento não permita entrar no mérito da delimitação de cada AU, ele é interessante para se refletir sobre a própria noção de rede urbana e sobre sua operacionalização, já que ele oportuniza a análise comparada de configurações territoriais que se encontram numa mesma posição da hierarquia em que aquela ideia se funda.

Nesse sentido, o contraste estabelece-se de modo bastante nítido entre as três AUs consideradas.

No Sul, a configuração mais urbanizada, o mercado de trabalho espelha uma situação de reconhecível precariedade, escancarada por uma taxa de desemprego de 17,8% (pelo Censo de 2000), muito mais alta do que a aferida no Estado e nas duas outras aglomerações. Combine-se a esse indicador a mais baixa taxa de participação — apenas 54,8% dos indivíduos em idade ativa eram economicamente ativos naquele ano, contra 61,2%, no agregado do Rio Grande do Sul — e se amplifica a percepção de um mercado com destacáveis restrições (Tabela 1).

Nessa perspectiva comparativa, o mercado de trabalho do Litoral apresenta outras características associadas à precariedade. O desemprego (13,0% em 2000), bastante inferior ao da Ausul, é, ainda assim,

superior ao do agregado do Estado (12,2%). Essa diferença se faz sentir especialmente na área rural, em que a taxa da Aulinort é de 6,3%, contra os 3,8% registrados no território gaúcho. No que diz respeito ao desemprego da PEA urbana, os percentuais da região são bem mais próximos aos estaduais: 14,9% e 14,3% respectivamente. Porém, como foi assinalado, a Aulinort é a única das aglomerações estudadas em que o mercado de trabalho é menos urbanizado do que o conjunto do Rio Grande do Sul. Esse aspecto poderia contribuir para elevar a taxa de participação da PEA do Litoral, uma vez que, como regra geral, esse indicador é mais elevado no meio rural do que no urbano. Ainda que esse princípio se confirme na Aulinort, a taxa de participação total (59,6%) mantém-se abaixo da do Estado (mesmo que não atinja níveis tão reduzidos como os da Ausul). Essa menor participação dos indivíduos em idade ativa no mercado de trabalho é observada em ambas as situações de domicílio — urbana e rural (Tabela 1).

Se, tendo como parâmetro o Estado em seu conjunto, o aglomerado litorâneo apresenta, ainda que em grau menos intenso, as mesmas adversidades observadas na Ausul — taxa de desemprego elevada e deprimida participação dos indivíduos na atividade econômica —, o elemento que mais distingue seu mercado de trabalho, no conjunto estudado, é o baixo grau de estruturação e de formalização das relações de trabalho.

Na Aulinort, o nível de assalariamento dos indivíduos ocupados (55,6%) é consideravelmente inferior ao do Estado (61,7%), ao da Ausul (64,1%) e, sobretudo, ao da Aune (68,3%). Além de mais “rarefeito”, no universo da ocupação regional, o emprego no Litoral atinge os mais altos níveis de informalidade, dentre os recortes territoriais aqui considerados: nada menos do que 38,1% dos assalariados da região não têm registro oficial de seu vínculo. Na Ausul, esse contingente tem uma presença 10 pontos percentuais inferior (28,9%) — patamar próximo ao do agregado do Estado (26,7%) —, ao passo que no aglomerado serrano ele se limita a 18,3% (Tabela 2).

A Aulinort é a única das regiões em que o trabalho no setor privado com carteira de trabalho assinada é minoritário no conjunto dos empregados: além dos trabalhadores sem registro, outro grupo relativamente hipertrofiado é o dos militares e funcionários públicos estatutários. Eles eram 7,8% do total de ocupados, no Censo de 2000, o que lhes conferia uma participação de 14,0% no conjunto dos assalariados — bem acima dos 9,6% registrados para o Rio Grande do Sul, dos 9,7% da região sulina e dos 5,1% computados na Aune.

A menor presença do emprego assalariado no mercado de trabalho litorâneo tem como contrapartida uma participação mais elevada de todas as demais categorias de posição na ocupação. Para trabalhadores por conta própria, não remunerados e ocupados na produção para o próprio consumo — formas de inserção associadas à precariedade (De Toni, 2006) —, os percentuais verificados na Aulinort excedem os das duas outras aglomerações. Dessas três posições na ocupação, apenas no caso do trabalho não remunerado o índice do Litoral (6,0% dos ocupados) não ultrapassa o do Estado (7,0%). Quando se toma a parcela de empregadores, no entanto, o destaque é a Aune, com 5%, cabendo a segunda posição para a Aulinort (4,4%). A região de Pelotas, por fim, é o único dos aglomerados em que o percentual de empregadores no conjunto de ocupados (3,0%) se situa abaixo do parâmetro rio-grandense (3,5%).

Conforme já vem sendo antecipado nas alusões comparativas — e de forma não surpreendente, para quem tenha o mínimo de referências sobre a realidade socioeconômica da serra gaúcha —, a Aune é, inequivocamente, a configuração regional que se destaca por ostentar um mercado de trabalho relativamente mais robusto e estruturado. Sua taxa de desocupação (10,1% em 2000) era a menor dentre todos os recortes territoriais aqui analisados; a participação na atividade econômica, a mais elevada (no meio urbano e no meio rural); o assalariamento representava mais de 2/3 das ocupações; dos empregados, nada menos do que 76,6% encontravam-se em regime formalizado. Considerando-se, ainda, que o trabalho no setor público tinha o peso mais modesto (3,5% do total de ocupados), tem-se que o aglomerado serrano era o único em que o assalariamento formal no setor privado recobria mais da metade (52,3%) do universo da ocupação. Vale ressaltar que esse percentual limitava-se a 39,3% no Rio Grande do Sul; a 39,4% na Ausul; e a meros 26,6% na Aulinort.

Mesmo que a Região Sul concentrasse parcelas ainda maiores de sua PIA, de sua PEA e de seus ocupados em áreas urbanas, o aglomerado serrano era, em 2000, aquele em que as atividades mais associadas ao meio urbano (secundárias e terciárias) atingiam a mais alta participação no total de ocupados: 89,6% (contra 79,9%, no Rio Grande do Sul; 88,2% na AUSUL; e 81,5% na Aulinort).

O caráter urbano e formalizado do mercado de trabalho serrano associa-se muito claramente ao perfil destacadamente industrial da região. Quando se considera do setor Secundário apenas a indústria de transformação, ainda mais diferenciada se mostra a Aune: no último

Censo, 34,4% de todos os trabalhadores regionais com qualquer tipo de ocupação encontravam-se nessa atividade. O município em que esse percentual atingia seu ápice era Carlos Barbosa: 43,4%. Nas duas outras regiões, pouco mais de 10% dos ocupados encontravam-se na indústria de transformação (patamar bem inferior ao do agregado estadual, que era de 17,2%).

A análise que se procede, a seguir, do perfil do emprego formal nas três aglomerações urbanas institucionalizadas do Rio Grande do Sul não deve, portanto, se descolar da diversidade que, muito sumariamente, se procurou até aqui esboçar. Os dados do último Censo permitem enxergar com razoável nitidez os estrangulamentos da Região Sul, cuja trajetória histórica oportunizou, no passado, a maturação de um mercado de trabalho urbano consistente, mas que, há décadas, convive com altos índices de desemprego aberto e elevada inatividade, expressando a estagnação e o recuo dessa economia regional; em condição prática-mente oposta, identifica-se uma região industrial pujante — a Aune —, na qual a ocupação viceja e se estrutura de forma bem mais organizada; por fim, a Aulinort emerge como uma configuração de traços híbridos, com maior presença de elementos rurais, uma informalidade exacerbada e a ausência de cidades com características de polo urbano amadurecido.

Tabela 2

Distribuição dos ocupados, por posição na ocupação, nas aglomerações urbanas não metropolitanas e no RS — 2000

DISCRIMINAÇÃO	TOTAL	EMPREGADOS	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA	EMPREGADOS MILITARES E FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS ESTATUTÁRIOS	EMPREGADOS SEM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA
Aulinort	100,0	55,6	26,6	7,8	21,2
Aune	100,0	68,3	52,3	3,5	12,5
Ausul	100,0	64,1	39,4	6,2	18,5
Rio Grande do Sul	100,0	61,7	39,3	5,9	16,5

DISCRIMINAÇÃO	EMPREGADORES	CONTA PRÓPRIA	NÃO REMUNERADOS. AJUDA A MEMBRO DO DOMICÍLIO	TRABALHADORES NA PRODUÇÃO PARA O PRÓPRIO CONSUMO
Aulinort	4,4	30,2	6,0	3,7
Aune	5,0	22,7	3,6	0,4
Ausul	3,0	28,3	3,8	0,8
Rio Grande do Sul	3,5	26,2	7,0	1,6

FONTE: IBGE. Censo Demográfico 2000. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: dez. 2009.

3 O emprego formal das aglomerações

Em 2008, os três aglomerados urbanos institucionalizados, tratados neste estudo, abrigavam em conjunto pouco menos de 400 mil empregados formais, reunidos em aproximadamente 41 mil estabelecimentos (Tabela 3). Assim como identificado para as variáveis do Censo Demográfico, também na distribuição dos empregados formais e dos estabelecimentos observa-se um escalonamento entre os aglomerados. A Aune, com 247.350 trabalhadores com vínculo legalizado em 22.704 estabelecimentos, era o que ostentava o maior contingente de empregados formais e de estabelecimentos (9,8% e 8,8% do total estadual respectivamente), seguida pela Ausul, com 103.511 empregados e 10.480 estabelecimentos (4,1% do total de empregados e de estabelecimentos do RS) e pela Aulinort, com 47.536 e 8.277 estabelecimentos (1,9% e 3,2% do total do RS respectivamente). Em conjunto, esses aglomerados detinham 15,8% do total de postos de trabalho computados pela RAIS naquele ano, uma ponderação

superior à que atingiam em 2000 (14,4%), que expressa o maior aumento do contingente com vínculo formal no conjunto dessas regiões (46,6%), comparativamente à totalidade do RS (33,1%). Tal desempenho deveu-se fundamentalmente à Aulinort e à Aune que, entre os anos considerados, tiveram variação do emprego bem acima da média estadual — 60,0% no primeiro e 50,6% no outro —, ampliando assim sua participação no emprego do RS, enquanto a Ausul, com variação um pouco abaixo da média estadual (32,6%) manteve participação constante. Tal comportamento é indicativo do maior dinamismo das duas primeiras regiões comparativamente à última que, no período analisado, mostrou certa estagnação, como já sinalizado anteriormente.

Diferentemente do emprego, entre 2000 e 2008, o número de estabelecimentos no conjunto dos aglomerados teve crescimento próximo à média estadual — 30,6% e 27,2% respectivamente —, o que fez com que houvesse pequena alteração na participação dessas regiões em relação ao total de estabelecimentos do RS. Entretanto, ao se tratar os aglomerados individualmente, deve-se destacar o crescimento mais expressivo, em termos relativos, do número de estabelecimentos da

Aulinort (50,8%), comparativamente à Aune (30,8%) e sobretudo à Ausul (17,7%) que, neste caso, foi o único a ficar abaixo da média estadual, apontando uma vez mais para as dificuldades desse aglomerado, comparativamente aos outros dois e também à totalidade do RS.

Avançando um pouco mais na análise do emprego formal e procedendo-se à desagregação do total de empregados por setores de atividade, é possível verificar que, além de diferirem no volume de emprego, os aglomerados estudados mostram também diferenças em relação à estrutura setorial do emprego. Na Ausul e na Aulinort, as atividades do Terciário (comércio, serviços e administração pública) eram as que abrigavam a maior parcela dos empregados formais, enquanto na Aune a indústria de transformação era o setor com maior expressão³. Este quadro está em sintonia com os níveis de assalariamento e de formalização encontrados em cada um dos aglomerados, conforme apontado na seção anterior, já que, na indústria de transformação, sabidamente, predomina o emprego com registro em carteira, enquanto no Terciário, sobretudo no setor serviços, há um maior nível de informalidade nas relações de trabalho⁴ (Tabela 4).

No aglomerado do Nordeste, marcadamente mais industrial do que os demais e também do que a totalidade do RS, a indústria de transformação reunia parcela majoritária dos empregados formais (51,4%), participação que era cerca de quatro vezes superior à do mesmo setor na Ausul, cinco vezes superior à encontrada na Aulinort e praticamente o dobro daquela registrada pelo setor no contexto estadual. Nesse setor, na Aune, observava-se uma distribuição dos empregados com razoável grau de homogeneidade entre os subsetores de atividade, destacando-se os segmentos material de transporte (21,7%), metalúrgica (15,7%), alimentos e bebidas (13,4%) e madeira e mobiliário (12,6%) como os de maior concentração de pessoal. Importante mencionar que, entre 2000 e 2008, apenas na Aune o contingente empregado na indústria de transformação teve variação superior à do congênere estadual (53,2% contra 29,6%), o que fez com que esse fosse o único aglomerado cuja participação no emprego estadual do setor avançasse,

passando de 16,2% no primeiro ano para 19,1% no último⁵.

Comércio e serviços tinham menor expressão no emprego do aglomerado do Nordeste (14,9%, 24,1% respectivamente)⁶ e, consequentemente, na participação da Aune nos congêneres estaduais, representando 7,5%, 8,0% e 2,5% respectivamente, ponderações que eram superiores às dos outros dois aglomerados, como se verá adiante. Comparativamente a 2000, registra-se, nesses dois setores, pequeno aumento de participação da Aune no congênere estadual, o que, juntamente com o crescimento da participação desse aglomerado na indústria de transformação estadual, pode ser tomado como indicativo de seu dinamismo.

Na Aulinort, o comércio era o setor de maior expressão no emprego, respondendo por 34,2% dos empregados formais, seguido pelo serviços (25,1%), pela administração pública (19,8%) e pela indústria de transformação (9,9%), em que se destacavam a indústria de calçados, a de alimentos e bebidas e a de madeira e mobiliário. Ainda com alguma expressão, a construção civil respondia por 7% do emprego do aglomerado, restando aos demais setores participação inferior a 3%.⁷

Na Ausul, o setor serviços detinha a maior parcela de empregados formais (39,8%), seguido pelo comércio (23,7%), pela indústria de transformação (14,2%), com forte concentração no segmento produtor de alimentos e bebidas que abrigava 58,7% da mão de obra industrial, e pela administração pública (13,9%), restando aos demais setores participação inferior a 5% do emprego formal da região⁸.

Ainda que expressivos no âmbito regional, os setores do Terciário dos dois últimos aglomerados não chegavam a ter grande significado no contexto estadual. A Ausul detinha participação de 5,0%, de 5,6% e de 3,5% no comércio, no serviços e na administração pública estadual respectivamente, enquanto a participação da Aulinort era de 3,3% no comércio, de 1,6% no serviços e

³ Além de diferirem entre si, as estruturas setoriais do emprego nestes aglomerados diferiam daquela do RS em que, em 2008, o setor serviços era o de maior concentração de pessoal (29,3%), seguido pela indústria de transformação (26,4%) e pelo comércio (19,6%).

⁴ Ainda que os dados apresentados nesta seção se refiram apenas ao segmento formalizado, eles permitem inferir a respeito da distribuição setorial da totalidade dos ocupados.

⁵ O aumento da participação da Aune no emprego industrial do RS vai no sentido contrário do experimentado pela RMPA, que detém a maior concentração de empregados industriais do Estado. Entre 2000 e 2008, essa região diminuiu sua participação no emprego da indústria de transformação do RS, passando de 42,6% para 38,6%.

⁶ Os demais setores tinham participações muito menores no emprego da Aune, com valores inferiores a 5%.

⁷ Nesta região, comparativamente a 2000, verifica-se uma inversão de posições entre o comércio e o setor serviços. Naquele ano, serviços era o setor com maior participação (31,2%), seguido pelo comércio (26,8%).

⁸ Na Ausul, a estrutura setorial do emprego era a mesma de 2000.

de 2,3% na administração pública do RS. Na indústria de transformação estadual, a participação desses dois aglomerados era também pequena, registrando 0,7% para a Aulinort e 2,2% para a Ausul. Comparativamente a 2000, estas participações mostram valores praticamente constantes nos setores considerados. Nos casos da Ausul e da Aulinort, houve pequeno avanço no comércio e na administração pública e recuos na indústria de transformação e no serviços. Tem-se, também aqui, uma dimensão do menor dinamismo destes dois aglomerados — sobretudo da Ausul — frente à Aune que, entre os mesmos anos, expandiu sua participação no emprego estadual nos três setores, como visto anteriormente.

Apesar das diferenças apontadas na distribuição setorial do emprego entre os aglomerados, deve-se mencionar que em todos eles, assim como na totalidade do Estado, eram os setores do Terciário (comércio e serviços) que reuniam a maior parte dos estabelecimentos. Na Aulinort e na Ausul, assim como no RS, o comércio detinha o maior número de estabelecimentos, seguido pelo serviços, enquanto, na Aune, o serviços apresentava o maior número de estabelecimentos (34,1%), com pequena vantagem em relação ao comércio (32,5%)⁹. Nesses setores, o microestabelecimentos¹⁰ eram majoritários nos três aglomerados, com destaque para a Aulinort, que tinha a maior participação desse estrato de porte, superando a média estadual. Ainda com alguma representatividade nesses setores, encontravam-se os pequenos estabelecimentos, que tinham sua maior expressão na Ausul (Tabela 5).

Apenas na Aune, o número de estabelecimentos industriais não destoava significativamente daquele dos setores comércio e serviços, registrando uma participação de 24,8%, o que era cerca de três vezes superior a do mesmo setor nos outros dois aglomerados, e também bem acima daquela que esses estabelecimentos detinham no conjunto do RS (13,7%). Ainda que os microestabelecimentos industriais fossem majoritários,

era nesse aglomerado que os grandes estabelecimentos encontravam sua maior participação, com uma representatividade um pouco acima da verificada no conjunto do RS (Tabela 6).

Retomando a análise do emprego formal e considerando agora a distribuição intrarregional do emprego, é possível, uma vez mais, observar distinções entre os aglomerados. Em uma previsível convergência com a distribuição populacional, na Aune e na Ausul, verifica-se uma forte concentração do emprego em alguns poucos municípios, enquanto, na Aulinort, o contingente formalmente empregado era menos concentrado espacialmente (Tabela 3).

Na Aune, composta por 10 municípios, Caxias do Sul era o município de maior expressão no emprego (reunia parcela majoritária dos empregados) tanto em termos globais como nos principais setores de atividade¹¹. Esse município concentrava 63,5% do total de empregados da região, 62,2% daqueles da indústria de transformação, 69,1% daqueles do serviços e 60,7% dos do comércio. Bento Gonçalves era o segundo município em importância no emprego, ainda que com participações muito distantes do primeiro — 13,7% no emprego total, 13,0% na indústria de transformação, 15,0% no serviços e 14,7% no comércio. Ainda com alguma importância encontra-se Farroupilha, que abrigava 8,7% dos empregados da região, 13,2% daqueles do comércio, 6,5% daqueles do serviços e 8,5% daqueles da indústria de transformação¹². Os demais municípios tinham importância muito menor no emprego, respondendo em conjunto por 14,1% dos empregados da região — a maior participação em Garibaldi (4,9%) e a menor em Santa Tereza e Nova Pádua (0,1% em cada um deles).

A forte presença da indústria de transformação no aglomerado reflete a sua destacada participação no emprego de todos os municípios. Em nove dos 10 municípios do Nordeste, esse era o setor mais expressivo (majoritário em sete deles), reunindo em cada um deles cerca de pelo menos 1/3 dos empregados formais.¹³ Em

⁹ A distribuição setorial dos estabelecimentos na Aune apresentava a mesma hierarquia da encontrada na RMPA, ainda que com ponderações distintas. Na RMPA, em 2008, 42,0% dos estabelecimentos encontravam-se no serviços, 38,2% no comércio e 13,7% no serviços.

¹⁰ Para fins desta análise, adota-se o critério de porte dos estabelecimentos proposto pelo Sebrae que considera, na indústria, microempresa os estabelecimentos com até 19 empregados, pequena os de 20 a 99 empregados, média os de 100 a 499 empregados e grande os de 500 ou mais empregados; no comércio e no serviços, microempresa são os estabelecimentos com até nove empregados, pequena aqueles de 10 a 49 empregados, média os de 50 a 99 empregados e grande aqueles de 100 ou mais empregados.

¹¹ Em 2000, Caxias do Sul já detinha participações majoritárias, mas um pouco menores que em 2008.

¹² Em 2000, eram os mesmos municípios que tinham maior expressão no emprego regional, com participações levemente acima daquelas de 2008. Na indústria de transformação, Caxias do Sul ampliou sua participação, enquanto os outros dois diminuíram; no comércio, todos ampliaram sua participação e, no serviços, Caxias do Sul diminuiu, Farroupilha ficou estável e Bento Gonçalves aumentou.

¹³ Ainda que a indústria de transformação tenha presença importante em todos os municípios da região, é preciso destacar que o volume de empregados no setor, em cada um dos municípios, é

Santa Tereza, único município no qual a indústria de transformação não era o setor mais expressivo, sua participação era também elevada, atingindo 29,0%, logo abaixo da administração pública que reunia 31,9% dos empregados formais do Município (Tabela 4).

No interior da indústria de transformação, entretanto, observam-se algumas diferenças na distribuição do emprego. Em quatro municípios (Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Monte Belo do Sul e Santa Tereza), o segmento de madeira e mobiliário era o que abrigava a maior parcela dos empregados (majoritário nos dois últimos); em Carlos Barbosa, a indústria metalúrgica tinha participação majoritária; em Caxias do Sul e em São Marcos, era a indústria de material de transporte que reunia a maior parte dos empregados industriais; em Farroupilha, que tinha uma distribuição do emprego industrial razoavelmente equilibrada, o segmento calçados era o que tinha maior participação e, por fim, em Garibaldi e em Nova Pádua, o segmento alimentos e bebidas era o de maior expressão.

Na Ausul, composta por apenas cinco municípios, cerca de 95% dos empregados formais encontravam-se em apenas dois municípios: Pelotas, que concentrava parcela majoritária deles (59,5%), e Rio Grande, que vinha a seguir, com 35,1% dos empregados formais do aglomerado (Tabela 3). Nesses municípios, o setor serviços reunia a maior parte dos empregados (40,7% e 42,9% respectivamente), seguido pelo comércio e pela indústria de transformação que, nos dois, tinha praticamente a mesma participação da administração pública. A indústria de alimentos e bebidas respondia por mais da metade dos trabalhadores industriais desses municípios. Evidentemente, a importância de Pelotas e Rio Grande também podia ser vista no emprego setorial do aglomerado: o primeiro reunia 57,4% dos empregados da indústria de transformação, 63,3% daqueles do comércio e 60,8% daqueles dos serviços; o segundo abrigava 33,4% dos trabalhadores da indústria de transformação, 34,0% dos do comércio e 37,8% dos dos serviços (Tabela 4).

Os municípios menores que compõem a Ausul mostravam uma distribuição setorial do emprego distinta daquela encontrada nos dois maiores. Em Arroio do Padre, a administração pública reunia quase a totalidade dos empregados formais. Em São José do Norte, com uma distribuição setorial do emprego razoavelmente equilibrada, a agropecuária abrigava 1/3 dos empregados

formais, seguida pela administração pública (22,4%), pelo comércio (16,6%) e pela indústria de transformação (12,9%), que tinha praticamente a mesma ponderação dos serviços (12,1%). Por fim, em Capão do Leão, pouco mais de 1/3 dos empregados formais encontravam-se na indústria de transformação (praticamente a totalidade deles no segmento de alimentos e bebidas), seguida pela administração pública (25,0%), pelos serviços (9,5%), pelo comércio (8,6%) e pela construção civil (7,6%).

Na Aulinort, com 20 municípios¹⁴, quatro se destacavam em termos de absorção de mão de obra, tanto em termos globais como nos setores de atividade: Capão da Canoa (19,4%), Osório (18,0%), Torres (13,9%) e Tramandaí (12,9%) eram os municípios mais expressivos, reunindo em conjunto 64,2% dos empregados formais do aglomerado (Tabela 3). Capão da Canoa detinha significativa participação no emprego dos setores serviços (26,9%) e comércio (18,8%). Osório reunia cerca de 35% dos empregados da indústria de transformação do aglomerado — 57% deles na indústria de calçados e 17% na indústria de alimentos e bebidas —, 19% dos serviços e 16% do comércio. Torres se destacava por sua participação no setor serviços (21%) e no comércio (16%); e Tramandaí detinha 16% dos empregados do comércio e 15,5% daqueles dos serviços da região.

Na maior parte dos municípios desse aglomerado — as únicas exceções eram Maquiné, Capivari do Sul e Caraá —, havia uma certa similaridade na distribuição do emprego, identificando-se as atividades do Terciário, sobretudo comércio e administração pública, como as de maior concentração de empregados formais (Tabela 4). De maneira mais detalhada, tem-se que, em nove municípios (Arroio do Sal, Cidreira, Imbé, Osório, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Três Cachoeiras e Xangri-lá), o comércio era o setor de maior expressão; em sete (Balneário Pinhal, Dom Pedro de Alcântara, Itati, Mampituba, Morrinhos do Sul, Palmares do Sul e Três Forquilhas), era a administração pública que abrigava a maior parcela dos empregados; e em um (Capão da Canoa), era o setor serviços que detinha a maior parcela dos empregados formais. Nos demais municípios, a agropecuária era o setor de maior expressão: em um deles (Capivari do Sul), reunindo praticamente 1/3 dos empregados formais; em outro (Maquiné), a construção civil detinha a maior participação (63,2%); e no último deles (Caraá), era a indústria de transformação que tinha maior expressão (71,0%), com destaque para a indústria de

bastante diferenciado, indo desde 70 empregados em Nova Pádua até cerca de 80 mil em Caxias do Sul.

¹⁴ Consideram-se aqui os municípios disponibilizados na RAIS 2008.

calçados, que reunia praticamente a totalidade dos empregados do setor.

À semelhança da distribuição dos empregados formais, verifica-se que, em linhas gerais, os municípios que se destacavam em relação ao contingente empregado eram também os que detinham o maior número de estabelecimentos, ainda que em proporções distintas. A Aulinort, comparativamente aos outros dois aglomerados, tinha uma distribuição dos estabelecimentos, entre os municípios, um pouco mais equilibrada.

Por fim, um breve comentário a respeito do rendimento médio real dos empregados formais nesses aglomerados (Tabela 7). Também nesse caso, é possível, uma vez mais, perceber uma hierarquia dos valores de cada um dos aglomerados, refletindo, por um lado, as diferenças na distribuição setorial do emprego e, por outro, os diferentes níveis de rendimento encontrados em cada um dos setores, em cada aglomerado.

Em 2008, a Aune era o aglomerado com o maior valor do rendimento médio real dos seus empregados (R\$1.429,68) — único a superar a média estadual (R\$ 1.383,60) —, seguida pela Ausul (R\$ 1.260,43) e pela Aulinort (R\$ 960,99), um ordenamento que se repetia na maior parte dos setores de atividade.

De maneira geral, os valores do rendimento médio real em cada um dos setores encontrados na Aune superavam aqueles do conjunto do RS — as exceções eram o serviços e o SIUP. Nesse aglomerado, chama a atenção o valor do rendimento médio real na indústria de transformação, um dos maiores dentre os setores de atividade, superando o valor dos demais aglomerados e também o estadual, e praticamente se igualando ao encontrado na RMPA.

Nos três aglomerados, o comércio era o setor que ostentava o menor rendimento médio, dentre os principais setores, destacando-se que, apenas na Aune, seu valor superava a média do conglomerado estadual.

Nos municípios que compõem os aglomerados, também é possível verificar algumas diferenças no valor do rendimento médio real de seus empregados, encontrando-se, de maneira geral, os maiores valores naqueles municípios com maior contingente de empregados formais. Na Aune, há um certo equilíbrio nos valores do rendimento médio real entre os municípios, possivelmente associado à forte presença da indústria de transformação em todos eles. Na Ausul, diferentemente, os valores entre os municípios são mais discrepantes, observando-se rendimentos mais elevados nos municípios maiores (Pelotas e Rio Grande) do que nos demais.

Tabela 3

Empregados formais e estabelecimentos nos aglomerados urbanos não metropolitanos e em seus municípios e no total do RS — 2008

DISCRIMINAÇÃO	EMPREGADOS		ESTABELECIMENTOS	
	Absoluto	%	Absoluto	%
Arroio do Sal	1 206	2,5	273	3,3
Balneário Pinhal	984	2,1	148	1,8
Capão da Canoa	9 236	19,4	1 978	23,9
Capivari do Sul	876	1,8	137	1,7
Caraá	799	1,7	66	0,8
Cidreira	1 621	3,4	228	2,8
Dom Pedro de Alcântara	266	0,6	42	0,5
Imbé	2 638	5,5	383	4,6
Itati	176	0,4	15	0,2
Mampituba	96	0,2	14	0,2
Maquiné	1 357	2,9	96	1,2
Morrinhos do Sul	230	0,5	48	0,6
Osório	8 537	18,0	1 134	13,7
Palmares do Sul	1 597	3,4	246	3,0
Terra de Areia	1 229	2,6	207	2,5
Torres	6 617	13,9	1 327	16,0
Tramandaí	6 120	12,9	1 111	13,4
Três Cachoeiras	1 497	3,1	331	4,0
Três Forquilhas	192	0,4	25	0,3
Xangri-lá	2 262	4,8	468	5,7
Total da Aulinort	47 536	100,0	8 277	100,0
Bento Gonçalves	34 003	13,7	3 818	16,8
Carlos Barbosa	8 933	3,6	767	3,4
Caxias do Sul	156 983	63,5	13 019	57,3
Farroupilha	21 447	8,7	2 049	9,0
Flores da Cunha	7 756	3,1	1 061	4,7
Garibaldi	12 231	4,9	1 214	5,3
Monte Belo do Sul	551	0,2	54	0,2
Nova Pádua	223	0,1	57	0,3
Santa Tereza	207	0,1	26	0,1
São Marcos	5 016	2,0	616	2,7
Total da Aune	247 350	100,0	22 704	99,9
Arroio do Padre	174	0,2	15	0,1
Capão do Leão	2 998	2,9	252	2,4
Pelotas	61 549	59,5	6 616	63,1
Rio Grande	36 334	35,1	3 293	31,4
São Jose do Norte	2 456	2,4	304	2,9
Total da Ausul	103 511	100,0	10 480	100,0
TOTAL DO RS	2 521 311	-	257 486	-

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008.

Tabela 4

Distribuição setorial dos empregados formais nos aglomerados urbanos
não metropolitanos e em seus municípios e no total do RS — 2008

DISCRIMINAÇÃO	EXTRATIVA MINERAL	INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	SIUP	CONSTRUÇÃO CIVIL	COMÉRCIO
Arroio do Sal	0,0	4,6	1,2	1,3	44,4
Balneário Pinhal	0,0	1,4	0,7	0,5	32,4
Capão da Canoa	0,0	3,0	0,9	13,5	33,1
Capivari do Sul	0,0	21,6	0,2	4,2	16,2
Caraá	0,0	71,0	0,0	0,1	7,4
Cidreira	0,0	6,1	2,7	0,6	37,9
Dom Pedro de Alcântara	4,1	7,1	0,0	0,0	20,3
Imbé	0,0	2,7	0,9	0,6	44,0
Itati	0,0	2,8	0,0	21,6	2,8
Mampituba	0,0	0,0	0,0	0,0	15,6
Maquiné	1,5	4,6	0,0	63,2	9,4
Morrinhos do Sul	0,0	2,2	0,0	0,0	33,0
Osório	0,5	19,3	3,4	3,2	30,8
Palmares do Sul	0,0	16,2	0,8	0,4	23,4
Terra de Areia	0,0	21,4	0,8	2,3	32,3
Torres	0,3	6,9	0,8	2,9	39,3
Tramandaí	0,0	4,1	0,9	5,5	42,6
Três Cachoeiras	1,6	21,7	0,1	0,5	45,0
Três Forquilhas	0,0	8,3	0,0	0,0	10,9
Xangri-lá	0,0	5,7	0,4	11,5	35,1
Total da Aulinort	0,2	9,9	1,3	7,0	34,2
Bento Gonçalves	0,3	48,5	0,4	2,3	15,9
Carlos Barbosa	0,2	65,1	1,2	4,0	11,4
Caxias do Sul	0,0	50,4	1,7	2,7	14,2
Farroupilha	0,1	50,2	0,4	3,3	22,7
Flores da Cunha	0,0	54,8	0,1	2,7	13,4
Garibaldi	0,5	61,1	0,5	2,2	10,6
Monte Belo do Sul	0,2	77,7	0,0	0,0	4,0
Nova Pádua	2,2	31,4	0,0	0,0	14,8
Santa Tereza	0,0	29,0	0,0	0,0	6,8
São Marcos	0,5	55,2	0,3	0,9	15,3
Total da Aune	0,1	51,4	1,3	2,7	14,9
Arroio do Padre	0,0	0,6	0,0	1,7	4,0
Capão do Leão	1,9	34,5	0,4	7,6	8,9
Pelotas	0,2	13,7	0,6	3,9	25,2
Rio Grande	0,2	13,6	1,4	3,1	22,9
São Jose do Norte	0,0	12,9	0,8	1,5	16,6
Total da Ausul	0,3	14,2	0,9	3,7	23,7
TOTAL DO RS	0,3	26,4	1,0	3,8	19,6

(continua)

Tabela 4

Distribuição setorial dos empregados formais nos aglomerados urbanos
não metropolitanos e em seus municípios e no total do RS — 2008

(%)

DISCRIMINAÇÃO	SERVIÇOS	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	AGROPECUÁRIA	TOTAL
Arroio do Sal	14,4	33,4	0,6	100,0
Balneário Pinhal	10,7	48,6	5,7	100,0
Capão da Canoa	34,5	14,7	0,2	100,0
Capivari do Sul	7,9	17,1	32,8	100,0
Caraá	0,9	20,7	0,0	100,0
Cidreira	12,0	37,3	3,3	100,0
Dom Pedro de Alcântara	12,8	49,6	6,0	100,0
Imbé	17,4	34,3	0,1	100,0
Itati	5,7	67,0	0,0	100,0
Mampituba	0,0	83,3	1,0	100,0
Maquiné	3,8	15,0	2,6	100,0
Morrinhos do Sul	11,3	51,3	2,2	100,0
Osório	26,4	14,5	1,9	100,0
Palmares do Sul	8,6	26,5	24,0	100,0
Terra de Areia	11,1	29,4	2,7	100,0
Torres	38,0	11,4	0,6	100,0
Tramandaí	30,3	16,3	0,3	100,0
Três Cachoeiras	18,2	12,6	0,2	100,0
Três Forquilhas	1,6	78,6	0,5	100,0
Xangri-lá	19,9	26,9	0,4	100,0
Total da Aulinort	25,1	19,8	2,4	100,0
Bento Gonçalves	26,3	5,7	0,6	100,0
Carlos Barbosa	13,5	3,8	0,8	100,0
Caxias do Sul	26,2	3,6	1,1	100,0
Farroupilha	17,9	3,6	1,8	100,0
Flores da Cunha	16,8	6,5	5,6	100,0
Garibaldi	17,4	4,6	3,1	100,0
Monte Belo do Sul	2,9	13,4	1,8	100,0
Nova Pádua	12,1	28,3	11,2	100,0
Santa Tereza	13,5	31,9	18,8	100,0
São Marcos	17,1	9,5	1,2	100,0
Total da Aune	24,1	4,2	1,3	100,0
Arroio do Padre	5,2	87,9	0,6	100,0
Capão do Leão	9,5	25,0	12,2	100,0
Pelotas	40,7	13,1	2,5	100,0
Rio Grande	42,9	13,5	2,5	100,0
São Jose do Norte	12,1	22,4	33,7	100,0
Total da Ausul	39,8	13,9	3,5	100,0
TOTAL DO RS	29,3	16,5	3,1	100,0

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008.

Tabela 5

Distribuição dos estabelecimentos, por setores de atividades, nos aglomerados urbanos não metropolitanos e no total do RS — 2008

DISCRIMINAÇÃO	EXTRATIVA MINERAL	INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	SIUP	CONSTRUÇÃO CIVIL	COMÉRCIO
Aulinort.....	0,2	8,2	0,5	5,1	46,8
Aune.....	0,1	24,8	0,1	4,4	32,5
Ausul.....	0,3	8,6	0,2	4,3	44,2
Total do RS.....	0,3	13,7	0,3	4,5	39,3

DISCRIMINAÇÃO	SERVIÇOS	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	AGROPECUÁRIA	TOTAL
Aulinort.....	35,0	0,5	3,7	100,0
Aune.....	34,1	0,1	3,8	100,0
Ausul.....	36,6	0,3	5,6	100,0
Total do RS.....	33,4	0,4	8,3	100,0

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008.

Tabela 6

Distribuição dos estabelecimentos por porte, em setores de atividade selecionados, nos aglomerados urbanos não metropolitanos e no total do RS — 2008

DISCRIMINAÇÃO	INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO				COMÉRCIO	
	Micro	Pequeno	Médio	Grande	Micro	Pequeno
Aulinort	93,78	5,78	0,30	0,15	91,01	8,31
Aune	84,24	12,20	2,86	0,71	89,50	9,59
Ausul	85,73	10,93	3,01	0,33	88,49	10,25
Total do RS	85,75	11,13	2,63	0,50	89,49	9,59

DISCRIMINAÇÃO	COMÉRCIO		SERVIÇOS			
	Médio	Grande	Micro	Pequeno	Médio	Grande
Aulinort	0,44	0,23	91,21	7,89	0,62	0,28
Aune	0,73	0,18	85,98	12,07	1,14	0,82
Ausul	0,76	0,50	83,82	13,54	1,59	1,04
Total do RS	0,59	0,33	86,82	11,03	1,17	0,97

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008.

Tabela 7

Rendimento médio dos empregados formais, por setor de atividades, dos aglomerados urbanos não metropolitanos da RMPA e do RS em 31/12/2008

	(R\$)				
DISCRIMINAÇÃO	EXTRATIVA MINERAL	INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	SIUP	CONSTRUÇÃO CIVIL	COMÉRCIO
Arroio do Sal	-	719,65	2 610,07	651,19	669,07
Balneário Pinhal	-	697,27	2 379,87	435,12	703,80
Capão da Canoa	-	830,04	2 382,74	923,59	727,55
Capivari do Sul	-	787,90	2 724,31	708,06	976,44
Caraá	-	472,39	-	550,00	544,39
Cidreira	-	738,55	2 725,29	486,64	625,73
Dom Pedro de Alcântara	811,38	669,26	-	-	709,82
Imbé	-	643,69	2 726,55	851,63	692,29
Itati	-	615,72	-	634,72	618,31
Mampituba	-	-	-	-	482,71
Maquiné	804,10	620,34	-	1 265,54	663,01
Morrinhos do Sul	-	541,00	-	-	722,37
Osório	950,48	1 099,85	2 227,96	790,13	837,45
Palmares do Sul	-	839,10	2 782,44	892,54	633,06
Terra de Areia	-	620,73	3 113,69	611,43	676,43
Torres	957,89	713,48	3 009,36	716,41	717,61
Tramandaí	-	634,09	2 929,88	723,41	715,97
Três Cachoeiras	468,42	735,36	2 594,86	927,35	708,84
Três Forquilhas	-	484,65	-	-	629,85
Xangri-lá	-	802,21	3 152,84	686,33	663,66
Total da Aulinort	811,00	827,99	2 486,78	937,97	726,35
Bento Gonçalves	1 665,38	1 396,58	2 253,00	1 011,11	936,95
Carlos Barbosa	1 346,31	1 603,04	963,96	889,98	1 008,47
Caxias do Sul	1 640,43	1 650,70	2 094,89	936,62	1 113,77
Farroupilha	1 243,54	1 264,50	1 508,12	1 235,42	1 227,79
Flores da Cunha	970,25	1 054,79	2 672,07	936,24	846,81
Garibaldi	1 248,98	1 078,66	1 691,56	1 070,58	938,73
Monte Belo do Sul	669,79	1 296,70	-	-	642,48
Nova Pádua	915,00	808,87	-	-	721,70
Santa Tereza	-	707,56	-	-	656,90
São Marcos	1 001,93	1 082,21	3 381,45	1 017,84	861,67
Total da Aune	1 464,37	1 514,92	2 045,61	980,90	1 080,21
Arroio do Padre	-	648,17	-	492,44	580,66
Capão do Leão	867,40	774,87	2 289,04	1 030,56	590,65
Pelotas	923,44	917,63	3 228,02	717,35	793,19
Rio Grande	1 208,56	1 167,52	1 997,08	1 271,32	854,96
São Jose do Norte	-	608,76	2 572,85	689,77	601,86
Total da Ausul	989,23	984,50	2 517,71	898,77	808,70
Total da RMPA	1 362,62	1 528,20	2 614,36	977,38	1 034,42
Total do RS	1 209,15	1 291,08	2 439,56	914,13	924,42

(continua)

Tabela 7

Rendimento médio dos empregados formais, por setor de atividades, dos aglomerados urbanos não metropolitanos da RMPA e do RS em 31/12/2008

(R\$)

DISCRIMINAÇÃO	SERVIÇOS	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	AGROPECUÁRIA	TOTAL
Arroio do Sal	930,11	1 025,69	618,86	851,82
Balneário Pinhal	1 776,40	921,66	674,28	932,87
Capão da Canoa	886,74	1 384,81	691,17	923,91
Capivari do Sul	1 160,80	1 305,38	1 051,20	1 023,76
Caraá	526,13	1 231,54	-	635,05
Cidreira	1 298,19	969,39	812,25	904,12
Dom Pedro de Alcântara	721,49	1 070,95	679,45	889,99
Imbé	907,37	1 322,96	573,82	963,26
Itati	1 388,41	971,03	-	902,02
Mampituba	-	1 286,78	750,00	1 155,55
Maquiné	891,29	938,45	799,09	1 097,57
Morrinhos do Sul	813,55	1 350,24	454,67	1 045,04
Osório	1 054,45	1 732,65	767,67	1 120,43
Palmares do Sul	1 164,57	982,29	778,78	857,32
Terra de Areia	920,24	888,32	696,83	772,83
Torres	1 065,20	1 621,07	782,38	971,35
Tramandaí	952,91	1 300,48	775,25	900,79
Três Cachoeiras	1 025,16	1 224,14	521,00	836,80
Três Forquilhas	1 019,42	1 089,60	684,63	985,70
Xangri-lá	1 105,56	1 563,85	487,31	1 012,27
Total da Aulinort	998,40	1 311,05	831,68	960,99
Bento Gonçalves	1 274,83	1 695,77	675,46	1 300,08
Carlos Barbosa	1 346,75	2 088,87	994,30	1 477,47
Caxias do Sul	1 411,48	2 791,45	722,31	1 531,26
Farroupilha	1 231,60	2 325,79	690,13	1 277,57
Flores da Cunha	1 142,25	1 591,64	698,40	1 055,06
Garibaldi	1 016,24	1 787,69	1 984,53	1 117,59
Monte Belo do Sul	1 849,53	1 359,70	559,84	1 280,58
Nova Pádua	1 855,73	1 501,70	559,74	1 092,90
Santa Tereza	1 088,33	1 181,96	1 046,32	970,72
São Marcos	1 191,18	1 278,82	603,68	1 085,08
Total da Aune	1 354,97	2 323,05	865,40	1 429,68
Arroio do Padre	1 161,97	899,83	477,40	889,65
Capão do Leão	1 014,82	1 094,17	836,20	895,86
Pelotas	1 577,26	1 195,07	807,51	1 194,18
Rio Grande	1 595,11	2 301,37	858,74	1 439,64
São Jose do Norte	952,15	833,92	681,78	740,77
Total da Ausul	1 575,52	1 549,84	794,30	1 260,43
Total da RMPA	1 601,68	2 596,93	1 057,09	1 674,36
Total do RS	1 470,76	2 078,31	800,43	1 383,60

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2008.

4 Considerações finais

O exercício aqui consolidado permitiu evidenciar — a partir da escolha de uma dimensão analítica específica, os mercados de trabalho — o alto grau de diversidade entre as três formações regionais gaúchas alçadas oficialmente à condição de aglomerados urbanos não metropolitanos.

Esse resultado, em um primeiro nível, vem reforçar a perspectiva que reivindica que se dê visibilidade e que se aprimore a metodologia para estudar a problemática do trabalho em configurações regionais heterogêneas (Xavier Sobrinho et alii, 2005), valorizando e dando conta de sua diversidade qualitativa. Apenas para exemplificar esse ponto de vista, pode-se mencionar a natureza diferenciada — e territorialmente condicionada — de fenômenos como o elevado desemprego aberto no Sul do Estado de um lado e, de outro, o alto grau de informalidade das relações de trabalho no Litoral — os quais devem ser compreendidos e enfrentados de formas distintas.

Em um segundo nível, essas fortes discrepâncias dos perfis socioeconômicos e ocupacionais dos aglomerados abordados recomenda que se discutam mais acuradamente os critérios — analíticos e operacionais — que embasam a construção de uma rede (por definição, hierarquizada) de cidades e “sistema de cidades”.

Uma questão fundamental a ser posta é se a institucionalização desses três aglomerados implica que lhes seja atribuída uma posição equivalente, ou ao menos análoga, em uma tal hierarquia. Ao se considerar esse problema, há que se ter presente que os dois maiores municípios do interior do Rio Grande do Sul — Caxias do Sul e Pelotas — nucleiam, cada qual, uma dessas três regiões — a Aune e a Ausul respectivamente. Já a terceira delas, a Aulinort, agrupa duas dezenas de municípios, os maiores dos quais têm contingentes muito pouco expressivos no contexto do Estado (posicionando-se bem atrás de centros urbanos como Santa Maria, Passo Fundo, Uruguaiana, etc.).

O critério não sendo, evidentemente, o de volume populacional, observa-se que tampouco uma configuração específica de nucleação intrarregional é identificável. Enquanto a centralidade de Caxias do Sul é inequívoca na Aune, a Ausul aparece com dois “polos” (e, diga-se de passagem, um escasso entorno, na delimitação oficial), para chegar-se, enfim, à diluição da posição central entre quatro cidades (relativamente pequenas) no caso da Aulinort.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, dimensão aqui privilegiada, poucos elementos aproximam as realidades dos aglomerados abordados. Ao contrário, sobram contrastes. No quesito setorial, a Aune diferencia-se por uma especialização na indústria de transformação, espraiada pelo conjunto de municípios, ao passo que as outras duas regiões têm características mais terciárias. Nas condições de inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho, há forte dispersão dos níveis de desemprego, na comparação dos três aglomerados, o mesmo valendo para as taxas de participação na atividade econômica, para o nível de assalariamento e, no caso específico do emprego, para o grau de formalização dos vínculos.

Mesmo que não se tenha priorizado aqui, por respeito às dimensões do artigo, uma análise evolutiva, teve-se oportunidade de indicar comportamentos bastante discrepantes também na variação recente do emprego e da população dos aglomerados urbanos analisados.

Ao fim dessa análise exploratória — ao lado da contribuição associada à consolidação mesma de indicadores sobre essas regiões, cujos mercados de trabalho são pouco tematizados no nível estadual —, acredita-se ter avançado elementos que podem enriquecer o debate sobre a configuração da rede urbana gaúcha tanto do ponto de vista de sua formalização, no plano analítico, quanto de sua institucionalização e, potencialmente, de sua gestão.

Referências

ALONSO, José A. A emergência de aglomerações não metropolitanas no Rio Grande do Sul. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, 2010 (no prelo).

DE TONI, Mirian. **Para Onde vai o mercado de trabalho?** a tendência à precarização das relações de trabalho — um estudo da Região Metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre: FEE, out. 2006. (Teses FEE, n. 8).

IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: dez. 2009.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2000/2008.

RIO GRANDE DO SUL. Lei complementar nº 10.335 de 28 de dezembro de 1994. **Diário Oficial do Estado**, Porto Alegre, n. 247, 29 dez. 1994.

RIO GRANDE DO SUL. Lei Complementar nº 12.100, de 28 de maio de 2004. **Diário Oficial do Estado**, Porto Alegre, n. 101, 28 maio 2004.

RIO GRANDE DO SUL. Lei complementar nº 9.184, de 26 de dezembro de 1990. **Diário Oficial do Estado**, Porto Alegre, 26 dez. 1990.

XAVIER SOBRINHO, Guilherme G. de F. et al. **Mercados regionais de trabalho no RS**: manifestações da reestruturação produtiva em quatro regiões selecionadas. Porto Alegre, FEE, set. 2005. (Documentos FEE, n. 64).

XAVIER SOBRINHO, Guilherme G. de F. **Mercado de trabalho e região**: a articulação de duas problemáticas na perspectiva de um estudo de caso. Tese (Doutorado)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/>>.
Acesso em: dez. 2009.

